

## **Farsa ou Auto de Inês Pereira, de Gil Vicente**

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Projecto Vercial - Literatura Portuguesa <<http://www.ipn.pt/opsis/litera/>>

Copyright © 1996, 1997, 1998, OPSIS Multimédia <<http://www.ipn.pt/opsis/index.html>> com o apoio do Projecto Geira <<http://www.geira.pt/>>

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.

## **Farsa ou Auto de Inês Pereira**

Gil Vicente

**A seguinte farsa de folgar foi representada ao muito alto e mui poderoso rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, no seu Convento de Tomar, era do Senhor de MDXXIII. O seu argumento é que porquanto duvidavam certos homens de bom saber se o Autor fazia de si mesmo estas obras, ou se furtava de outros autores, lhe deram este tema sobre que fizesse: segundo um exemplo comum que dizem: *mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube*. E sobre este motivo se fez esta farsa.**

**A figuras são as seguintes: Inês Pereira; sua Mãe; Lianor Vaz; Pêro Marques; dous Judeus (um chamado Latão, outro Vidal); um Escudeiro com um seu Moço; um Ermitão; Luzia e Fernando.**

*Finge-se que Inês Pereira, filha de hũa mulher de baixa sorte, muito fantesiosa, está lavrando em casa, e sua mãe é a ouvir missa, e ela canta esta cantiga:*

*Canta Inês:*

Quien con veros pena y muere  
Que hará quando no os viere?

*(Falando)*

INÊS    Renego deste lavar  
E do primeiro que o usou;  
Ó diabo que o eu dou,  
Que tão mau é d'aturar.  
Oh Jesu! que enfadamento,  
E que raiva, e que tormento,  
Que cegueira, e que canseira!

Eu hei-de buscar maneira  
D'algum outro aviamento.

Coitada, assi hei-de estar  
Encerrada nesta casa  
Como panela sem asa,  
Que sempre está num lugar?  
E assi hão-de ser logrados  
Dous dias amargurados,  
Que eu possa durar viva?  
E assim hei-de estar cativa  
Em poder de desfiados?

Antes o darei ao Diabo  
Que lavrar mais nem pontada.  
Já tenho a vida cansada  
De fazer sempre dum cabo.  
Todas folgam, e eu não,  
Todas vêm e todas vão  
Onde querem, senão eu.  
Hui! e que pecado é o meu,  
Ou que dor de coração?

Esta vida he mais que morta.  
Sam eu coruja ou corujo,  
Ou sam algum caramujo  
Que não sai senão à porta?  
E quando me dão algum dia  
Licença, como a bugia,  
Que possa estar à janela,  
É já mais que a Madanela  
Quando achou a aleluía.

*Vem a Mãe, e não na achando lavrando, diz:*

MÃE Logo eu adivinhei  
Lá na missa onde eu estava,  
Como a minha Inês lavrava  
A tarefa que lhe eu dei...  
Acaba esse travesseiro!  
Hui! Nasceu-te algum unheiro?  
Ou cuidas que é dia santo?  
INÊS Praza a Deos que algum quebranto?  
Me tire do cativoiro.

MÃE Toda tu estás aquela!  
Choram-te os filhos por pão?  
INÊS Prouvesse a Deus! Que já é razão  
De eu não estar tão singela.  
MÃE Olhade ali o mau pesar...

Como queres tu casar  
Com fama de preguiçosa?  
INÊS Mas eu, mãe, sam aguçosa  
E vós dais-vos de vagar.

MÃE Ora espera assi, vejamos.  
INÊS Quem já visse esse prazer!  
MÃE Cal'-te, que poderá ser  
Que «ame a Páscoa vêm os Ramos».  
Não te apresses tu, Inês.  
«Maior é o ano que o mês»:  
Quando te não precatares,  
Virão maridos a pares,  
E filhos de três em três.

INÊS Quero-m'ora alevantar.  
Folgo mais de falar nisso,  
Assi me dê Deos o paraíso,  
Mil vezes que não lavrar  
Isto não sei que me faz  
MÃE Aqui vem Lianor Vaz.  
INÊS E ela vem-se benzendo...

*(Entra Lianor Vaz)*

LIANOR Jesu a que me eu encomendo!  
Quanta cousa que se faz!

MÃE Lianor Vaz, que é isso?  
LIANOR Venho eu, mana, amarela?  
MÃE Mais ruiva que uma panela.  
LIANOR Não sei como tenho siso!  
Jesu! Jesu! que farei?  
Não sei se me vá a el-Rei,  
Se me vá ao Cardeal.  
MÃE Como? e tamanho é o mal?  
LIANOR Tamanho? eu to direi:

Vinha agora pereli  
Ó redor da minha vinha,  
E hum clérigo, mana minha,  
Pardeos, lançou mão de mi;  
Não me podia valer  
Diz que havia de saber  
S'era eu fêmea, se macho.  
MÃE Hui! seria algum muchacho,  
Que brincava por prazer?

LIANOR Si, muchacho sobejava  
Era hum zote tamanhouço!

Eu andava no retouço,  
Tão rouca que não falava.  
Quando o vi pegar comigo,  
Que m'achei naquele p'rigo:  
– Assolverei! - não assolverás!  
–Tomarei! - não tomarás!  
– Jesu! homem, qu'has contigo?

– Irmã, eu te assolverei  
Co breviairo de Braga.

– Que breviairo, ou que praga!  
Que não quero: aqui d'el-Rei! –  
Quando viu revolta a voda,  
Foi e esfarrapou-me toda  
O cabeção da camisa.

MÃE Assi me fez dessa guisa  
Outro, no tempo da poda.

Eu cuidei que era jogo,  
E ele... dai-o vós ao fogo!  
Tomou-me tamanho riso,  
Riso em todo meu siso,  
E ele deixou-me logo.

LIANOR Si, agora, eramá,  
Também eu me ria cá  
Das cousas que me dizia:  
Chamava-me «luz do dia».  
– «Nunca teu olho verá!» –

Se estivera de maneira  
Sem ser rouca, bradar'eu;  
Mas logo m'o demo deu  
Catarrão e peitogueira,  
Cócegas e cor de rir,  
E coxa pera fugir,  
E fraca pera vencer:  
Porém pude-me valer  
Sem me ninguém acudir...

O demo (e não pode al ser)  
Se chantou no corpo dele.

MÃE Mana, conhecia-te ele?

LIANOR Mas queria-me conhecer!

MÃE Vistes vós tamanho mal?

LIANOR Eu m'irei ao Cardeal,  
E far-lhe-ei assi mesura,  
E contar lhe-ei a aventura  
Que achei no meu olival.

MÃE Não estás tu arranhada,  
De te carpir, nas queixadas?  
LIANOR Eu tenho as unhas cortadas,  
E mais estou tosquiada:  
E mais pera que era isso?  
E mais pera que é o siso?  
E mais no meio da requesta  
Veio hum homem de hũa besta,  
Que em vê-lo vi o p'raíso,

E soltou-me, porque vinha  
Bem contra sua vontade.  
Porém, a falar a verdade,  
Já eu andava cansadinha:  
Não me valia rogar  
Nem me valia chamar:  
– «Aque de Vasco de Fois,  
Acudí-me, como sois!»  
E ele... senão pegar:

– Mais mansa, Lianor Vaz,  
Assi Deus te faça santa.  
– Trama te dê na garganta!  
Como! isto assi se faz?  
– Isto não revela nada...  
– Tu não vês que são casada?

MÃE Deras-lhe, má hora, boa,  
E mordera-lo na coroa.

LIANOR Assi! fora excomungada.

Não lhe dera um empuxão,  
Porque sou tão maviosa,  
Que é cousa maravilhosa.  
E esta é a conrusão.  
Leixemos isto. Eu venho  
Com grande amor que vos tenho,  
Porque diz o exemplo antigo  
Que a amiga e bom amigo  
Mais aqueyta que o bom lenho.

Inês está concertada  
Pera casar com alguém?

MÃE Até `gora com ninguém  
Não é ela embaraçada.

LIANOR Eu vos trago um casamento  
Em nome do anjo bento.

Filha, não sei se vos praz.

INÊS E quando, Lianor Vaz?

LIANOR Eu vos trago aviamento.

INÊS Porém, não hei-de casar  
Senão com homem avisado  
Ainda que pobre e pelado,  
Seja discreto em falar  
LIANOR Eu vos trago um bom marido,  
Rico, honrado, conhecido.  
Diz que em camisa vos quer  
INÊS Primeiro eu hei-de saber  
Se é parvo, se sabido.

LIANOR Nesta carta que aqui vem  
Pera vós, filha, d'amores,  
Veredes vós, minhas flores,  
A discrição que ele tem.

INÊS Mostrai-ma cá, quero ver

LIANOR Tomai. E sabeDES vós ler?

MÃE Hui! e ela sabe latim  
E gramática e alfaqui  
E tudo quanto ela quer!

INÊS (*lê a carta*)

«Senhora amiga Inês Pereira,  
Pêro Marquez, vosso amigo,  
Que ora estou na nossa aldeia,  
Mesmo na vossa mercea  
M'encomendo. E mais digo,  
Digo que benza-vos Deos,  
Que vos fez de tão bom jeito.  
Bom prazer e bom proveito  
Veja vossa mãe de vós.

Ainda que eu vos vi  
Est'outro dia folgar  
E não quisestes bailar,  
Nem cantar presente mi...»

INÊS Na voda de seu avô,  
Ou onde me viu ora ele?  
Lianor Vaz, este é ele?

LIANOR Ledo a carta sem dó,  
Que inda eu são contente dele.

*Prossegue Inês Pereira a carta:*

«Nem cantar presente mi.  
Pois Deos sabe a rebentinha  
Que me fizestes então.  
Ora, Inês, que hajais bênção  
De vosso pai e a minha,  
Que venha isto a concurião.

E rogo-vos como amiga,  
Que samicas vós sereis,  
Que de parte me faleis  
Antes que outrem vo-lo diga.  
E, se não fiais de mi,  
Esteja vossa mãe aí,  
E Lianor Vaz de presente.

Veremos se sois contente  
Que casemos na boa hora.»  
INÊS Des que nasci até agora  
Não vi tal vilão com'este,  
Nem tanto fora de mão!  
LIANOR Não queirais ser tão senhora.  
Casa, filha, que te preste,  
Não percas a ocasião.

Queres casar a prazer  
No tempo d'agora, Inês?  
Antes casa, em que te pês,  
Que não é tempo d'escolher.  
Sempre eu ouvi dizer:  
«Ou seja sapo ou sapinho,  
Ou marido ou maridinho,  
Tenha o que houver mister.»  
Este é o certo caminho.

MÃE Pardeus, amiga, essa é ela!  
«Mata o cavalo de sela  
E bom é o asno que me leva».  
Filha, «no Chão de Couce  
Quem não puder andar choute.»  
E: «mais quero eu quem m'adore  
Que quem faça com que chore».  
Chamá-lo-ei, Inês?  
INÊS Si.

Venha e veja-me a mi.  
Quero ver quando me vir  
Se perderá o presumir  
Logo em chegando aqui,  
Pera me fartar de rir.

MÃE Touca-te, se cá vier  
Pois que pera casar anda.  
INÊS Essa é boa demanda!  
Cerimónias há mister  
Homem que tal carta manda?  
Eu o estou cá pintando:  
Sabeis, mãe, que eu adivinho?

Deve ser um vilãozinho  
Ei-lo, se vem penteando:  
Será com algum ancinho?

*Aqui vem Pêro Marques, vestido como filho de lavrador rico, com um gabão azul deitado ao ombro, com o capelo por diante, e vem dizendo:*

PÊRO Homem que vai aonde eu vou  
Não se deve de correr  
Ria embora quem quiser  
Que eu em meu siso estou.  
Não sei onde mora aqui...  
Olhai que m'esquece a mi!  
Eu creio que nesta rua...  
E esta parreira é sua.  
Já conheço que é aqui.

Chega Pêro Marques aonde elas  
estão, e diz:  
Digo que esteis muito embora.  
Folguei ora de vir cá...  
Eu vos escrevi de lá  
Ûa cartinha, senhora...  
E assi que de maneira...

MÃE Tomai aquela cadeira.  
PÊRO E que val aqui uma destas?  
INÊS (Ó Jesu! que João das bestas!  
Olhai aquela canseira!)

*Assentou-se com as costas pera elas, e diz:*

PÊRO Eu cuido que não estou bem...  
MÃE Como vos chamais, amigo?  
PÊRO Eu Pêro Marques me digo,  
Como meu pai que Deos tem.  
Faleceu, perdoe-lhe Deos,  
Que fora bem escusado,  
E ficamos dous eréos.  
Porém meu é o mor gado.  
MÃE De morgado é vosso estado?  
Isso viria dos céus.

PÊRO Mais gado tenho eu já quanto,  
E o mor de todo o gado,  
Digo maior algum tanto.  
E desejo ser casado,  
Prouguesse ao Espírito Santo,  
Com Inês, que eu me espanto  
Quem me fez seu namorado.  
Parece moça de bem,

E eu de bem, er também.  
Ora vós er ide vendo  
Se lhe vem melhor ninguém,  
A segundo o que eu entendo.

Cuido que lhe trago aqui  
Pêras da minha pereira...  
Hão-de estar na derradeira.  
Tende ora, Inês, per i.

INÊS E isso hei-de ter na mão?

PÊRO Deitae as peas no chão.

INÊS As perlas pera enfiar..  
Três chocalhos e um novelo...  
E as peias no capelo...  
E as pêras? Onde estão?

PÊRO Nunca tal me aconteceu!  
Algum rapaz m'as comeu...  
Que as meti no capelo,  
E ficou aqui o novelo,  
E o pente não se perdeu.  
Pois trazia-as de boa mente...

INÊS Fresco vinha aí o presente  
Com folhinhas borrifadas!

PÊRO Não, que elas vinham chentadas  
Cá em fundo no mais quente.

Vossa mãe foi-se? Ora bem...  
Sós nos leixou ela assi?...  
Cant'eu quero-me ir daqui,  
Não diga algum demo alguém...

INÊS Vós que me havíeis de fazer?  
Nem ninguém que há-de dizer?  
(O galante despejado!).

PÊRO Se eu fora já casado,  
D'outra arte havia de ser  
Como homem de bom recado.

INÊS (Quão desviado este está!  
Todos andam por caçar  
Suas damas sem casar  
E este... tomade-o lá!).

PÊRO Vossa mãe é lá no muro?

INÊS Minha mãe eu vos seguro  
Que ela venha cá dormir

PÊRO Pois, senhora, eu quero-me ir  
Antes que venha o escuro.

INÊS E não cureis mais de vir.

PÊRO Virá cá Lianor Vaz,

Veremos que lhe dizeis...  
INÊS Homem, não aporfieis,  
Que não quero, nem me apraz.  
Ide casar a Cascais.

PÊRO Não vos anojarei mais,  
Ainda que saiba estalar;  
E prometo não casar  
Até que vós não queirais.

(Pêro vai-se, dizendo:)  
Estas vos são elas a vós:  
Anda homem a gastar calçado,  
E quando cuida que é aviado,  
Escarnefucham de vós!  
Creo que lá fica a pea...  
Pardeus! Bô ia eu à aldeia!

*(Voltando atrás)*

Senhora, cá fica o fato?  
INÊS Olhai se o levou o gato...  
PÊRO Inda não tendes candea?  
Ponho per cajo que alguém  
Vem como eu vim agora,  
E vos acha só a tal hora:  
Parece-vos que será bem?  
Ficai-vos ora com Deos:  
Çarraí a porta sobre vós  
Com vossa candezinha.  
E sicais sereis vós minha,  
Entonces veremos nós...

*(Vai-se Pêro Marques e diz Inês Pereira:)*

INÊS Pessoa conheço eu  
Que levara outro caminho...  
Casai lá com um vilãozinho,  
Mais covarde que um judeu!  
Se fora outro homem agora,  
E me topara a tal hora,  
Estando assi às escuras,  
Dissera-me mil doçuras,  
Ainda que mais não fora...

*(Vem a Mãe e diz:)*

MÃE Pêro Marques foi-se já?  
INÊS E pera que era ele aqui?  
MÃE E não t'agrada ele a ti?  
INÊS Vá-se muitieramá!

Que sempre disse e direi:  
Mãe, eu me não casarei  
Senão com homem discreto,  
E assi vo-lo prometo  
Ou antes o leixarei.

Que seja homem mal feito,  
Feio, pobre, sem feição,  
Como tiver discrição,  
Não lhe quero mais proveito.  
E saiba tanger viola,  
E coma eu pão e cebola.  
Siquer uma cantiguinha!  
Discreto, feito em farinha,  
Porque isto me degola.

MÃE Sempre tu hás-de bailar  
E sempre ele há-de tanger?  
Se não tiveres que comer  
O tanger te há-de fartar?  
INÊS Cada louco com sua teima.  
Com uma borda de boleima  
E uma vez d'água fria,  
Não quero mais cada dia.  
MÃE Como às vezes isso queima!

E que é desses escudeiros?  
INÊS Eu falei ontem ali  
Que passaram por aqui  
Os judeus casamenteiros  
E hão-de vir agora aqui.

*Aqui entram os Judeus casamenteiros, um, Latão, e outro, Vidal e diz Latão:*

LATÃO Ou de cá!  
INÊS Quem está lá?  
VIDAL Nome del Deu, aqui somos!  
LATÃO Não sabeis quão longe fomos!  
VIDAL Corremos a iramá.  
Este e eu.

LATÃO Eu, e este...  
VIDAL Pola lama e polo pó,  
Que era pera haver dó,  
Com chuva, sol e Nordeste.  
Foi a coisa de maneira,  
Tal friúra e tal canseira,  
Que trago as tripas maçadas.  
Assi me fadem boas fadas  
Que me saltou caganeira!

Pera vossa mercê ver  
O que nos encomendou.  
LATÃO O que nos encomendou  
Será o que hoiver de ser  
Todo este mundo é fadiga  
Vós dixestes, fiiha amiga,  
Que vos buscássemos logo...  
VIDAL E logo pujemos fogo...  
LATÃO Cala-te!  
VIDAL Não queres que diga?

Não fui eu também contigo?  
Tu e eu não somos eu?  
Tu judeu e eu judeu,  
Não somos massa dum trigo?  
LATÃO Leixa-me falar.

VIDAL Já calo.  
Senhora, fomos... agora falo,  
Ou falas tu?  
LATÃO Dize, que dizias?  
Que foste, que fomos, que ias  
Buscá-lo, esgravatá-lo...  
VIDAL Vós, amor, quereis marido  
Mui discreto, e de viola?  
LATÃO Esta moça não é tola,  
Que quer casar per sentido...  
VIDAL Judeu, queres-me deixar?  
LATÃO Leixo, não quero falar  
VIDAL Buscámo-lo...  
LATÃO Demo foi logo!  
Crede que o vosso rogo  
Vencerá o Tejo e o mar

Eu cuido que falo e calo...  
Calo eu agora ou não?  
Ou falo se vem à mão?  
Não digas que não te falo.  
INÊS Jesu! Guarde-me ora Deus!  
Não falará um de vós?  
Já queria saber isso...  
MÃE Que siso, Inês, que siso  
Tens debaixo desses véus...

INÊS Diz o exemplo da velha:  
«O que não haveis de comer  
Leixai-o a outrem mexer».  
MÃE Eu não sei quem t'aconselha...  
INÊS Enfim, que novas trazeis?

VIDAL O marido que quereis,  
De viola e dessa sorte,  
Não no há senão na corte  
Que cá não no achareis.

Falámos a Badajoz,  
Músico, discreto, solteiro.  
Este fora o verdadeiro,  
Mas soltou-se-nos da noz.  
Fomos a Vilhacastim  
E falou-nos em latim:  
– «Vinde cá daqui a uma hora,  
E trazei-me essa senhora».

INÊS Assi que é tudo nada enfim!

VIDAL Esperai, aguardai ora!  
Soubemos dum escudeiro  
De feição d'atafoneiro  
Que virá logo essora,  
Que fala... e com' ora fala!  
Estrugirá esta sala.  
E tange... e com' ora tange!  
E alcança quanto abrange,  
E se preza bem da gala.

*Vem o Escudeiro, com seu Moço, que lhe traz uma viola, e diz, falando só:*

ESCUDEIRO Se esta senhora é tal  
Como os Judeus ma gabaram,  
Certo os anjos a pintaram,  
E não pode ser i al.  
Diz que os olhos com que via  
Foram de Santa Luzia,  
Cabelos, da Madanela...  
Se fosse moça tão bela,  
Como donzela seria?

Moça de vila será ela  
Com sinalzinho postiço,  
E sarnosa no toutiço,  
Como burra de Castela.  
Eu, assi como chegar  
Cumpre-me bem atentar  
Se é garrida, se honesta,  
Porque o melhor da festa  
É achar siso e calar.

*(Falando para Inês:)*

MÃE Se este escudeiro há-de vir

E é homem de discrição,  
Hás-te de pôr em feição,  
De falar pouco e não rir  
E mais, Inês, não muito olhar  
E muito chão o menear  
Por que te julguem por muda,  
Porque a moça sesuda  
É uma perla pera amar.

*(Falando para o criado:)*

ESCUDEIRO Olha cá, Fernando, eu vou  
Ver a com que hei-de casar.  
Avisa-te, que hás-de estar  
Sem barrete onde eu estou.

MOÇO (Como a rei! Corpo de mi!  
Mui bem vai isso assi...)

ESCUDEIRO E, se cuspir, pola ventura,  
Põe-lhe o pé e faz mesura.

MOÇO (Ainda eu isso não vi!)

ESCUDEIRO E se me vires mentir  
Gabando-me de privado,  
Está tu dissimulado,  
Ou sai-te pera fora a rir  
Isto te aviso daqui,  
Faze-o por amor de mi.

MOÇO Porém, senhor digo eu  
Que mau calçado é o meu  
Pera estas vistas assi.

ESCUDEIRO Que farei, que o sapateiro  
Não tem solas nem tem pele?

MOÇO Sapatos me daria ele,  
Se me vós désseis dinheiro...

ESCUDEIRO Eu o haverei agora.  
E mais calças te prometo.

MOÇO (Homem que não tem nem preto,  
Casa muito na má hora.)

*Chega o Escudeiro onde está Inês Pereira, e levantam-se todos, e fazem suas  
mesuras, e diz o Escudeiro:*

ESCUDEIRO Antes que mais diga agora,  
Deus vos salve, fresca rosa,  
E vos dê por minha esposa,  
Por mulher e por senhora;  
Que bem vejo  
Nesse ar, nesse despejo,  
Mui graciosa donzela,  
Que vós sois, minha alma, aquela  
Que eu busco e que desejo.

Obrou bem a Natureza  
Em vos dar tal condição  
Que amais a discrição  
Muito mais que a riqueza.  
Bem parece  
Que a discrição merece  
Gozar vossa fermosura,  
Que é tal que, de ventura,  
Outra tal não se acontece.  
Senhora, eu me contento  
Receber vos como estais:  
Se vós vos não contentais,  
O vosso contentamento  
Pode falecer no mais.

LATÃO (Como fala!  
VIDAL E ela como se cala!

Tem atento o ouvido...  
Este há-de ser seu marido,  
Segundo a coisa s'abala.)

ESCUDEIRO Eu não tenho mais de meu,  
Somente ser comprador  
Do Marichal meu senhor  
E são escudeiro seu.  
Sei bem ler  
E muito bem escrever  
E bom jogador de bola,  
E quanto a tanger viola,  
Logo me vereis tanger  
Moço, que estais lá olhando?

MOÇO Que manda Vossa Mercê?

ESCUDEIRO Que venhais cá.

MOÇO Pera quê?

ESCUDEIRO Por que faças o que eu mando!

MOÇO Logo vou.

(O Diabo me tomou:  
Sair me de João Montês  
Por servir um tavanês  
Mor doudo que Deus criou!)

ESCUDEIRO Fui despedir um rapaz  
Que valia Perpinhão,  
Por tomar este ladrão.  
Moço!

MOÇO Que vos praz?

ESCUDEIRO A viola.

MOÇO (Oh! como ficará tola  
Se não fosse casar ante  
Co mais sáfio bargante  
Que coma pão e cebola!).

Ei-la aqui bem temperada,  
Não tendes que temperar  
ESCUDEIRO Faria bem de ta quebrar  
Na cabeça bem migada!  
MOÇO E se ela é emprestada,  
Quem na havia de pagar?  
Meu amo, eu quero m'ir.  
ESCUDEIRO E quando queres partir?  
MOÇO Ante que venha o Inverno,  
Porque vós não dais governo  
Pera vos ninguém servir

ESCUDEIRO Não dormes tu que te farte?  
MOÇO No chão, e o telhado por manta...  
E çarra-se m'a garganta  
Com fome.  
ESCUDEIRO Isso tem arte...  
MOÇO Vós sempre zombais assi.  
ESCUDEIRO Oh que boas vozes tem  
Esta viola aqui!  
Leixa-me casar a mi,  
Depois eu te farei bem.

MÃE Agora vos digo eu  
Que Inês está no Paraíso!  
INÊS Que tendes de ver co isso?  
Todo o mal há-de ser meu.  
MÃE Quanta doudice!  
INÊS Oh! como é seca a velhice!  
Leixai-me ouvir e folgar,  
Que não me hei-de contentar  
De casar com parvoíce.  
Pode ser maior riqueza  
Que um homem avisado?  
MÃE Muitas vezes, mal pecado,  
é melhor boa simpreza.  
LATÃO Ora oiví, e oivireis.  
Escudeiro, cantareis  
Alguma boa cantadela.  
Namorai esta donzela  
E esta cantiga direis:

*Canta o Judeu*

«Canas do amor, canas,  
canas do amor  
Polo longo dum rio  
Canaval vi florido,  
Canas do amo.»

*Canta o Escudeiro o romance «Mal me quieren en Castilla» e diz Vidal:*

VIDAL    Latão, já o sono é comigo  
          Como oivo cantar guaiado,  
          Que não vai esfandegado...

LATÃO    Esse é o Demo que eu digo!  
          Viste cantar Dona Sol:  
          *Pelo mar voy a vela,*  
          *Vela vay pelo mar?*

VIDAL    Filha Inês, assi vivais  
          Que tomeis esse senhor  
          Escudeiro cantador  
          E caçador de pardais,  
          Sabedor revolvedor  
          Falador gracejador  
          Afoitado pela mão,  
          E sabe de gavião...  
          Tomai-o por meu amor.

          Podeis topar um rabugento,  
          Desmazelado, baboso,  
          Descancarado, brigoso,  
          Medroso, carapatento.  
          Este escudeiro, aosadas,  
          Onde se derem pancadas,  
          Ele as há-de levar  
          Boas, senão apanhar..  
          Nele tendes boas fadas.

MÃE      Quero rir com toda a mágoa  
          Destes teus casamenteiros!  
          Nunca vi Judeus ferreiros  
          Aturar tão bem a frágoa.  
          Não te é melhor mal por mal,  
          Inês, um bom oficial,  
          Que te ganhe nessa praça,  
          Que é um escravo de graça,  
          E mais casas com teu igual?

LATÃO    Senhora, perdi cuidado:  
          O que há-de ser há-de ser;  
          E ninguém pode tolher  
          O que está determinado.

VIDAL    Assi diz Rabi Zarão.

MÃE      Inês, guar'-te de rascão!  
          Escudeiro queres tu?

INÊS     Jesu, nome de Jesu!  
          Quão fora sois de feição!

Já minha mãe adivinha...  
Folgastes vós na verdade  
Casar à vossa vontade?  
Eu quero casar à minha.  
MÃE Casa, filha, muit'embora.  
ESCUDEIRO Dai-me essa mão, senhora.  
INÊS Senhor de mui boa mente.  
ESCUDEIRO Per palavras de presente  
Vos recebo desd'agora.

Nome de Deus, assi seja!  
Eu, Brás da Mata, Escudeiro,  
Recebo a vós, Inês Pereira  
Por mulher e por parceira  
Como manda a Santa Igreja.  
INÊS Eu, aqui diante Deus,  
Inês Pereira, recebo a vós,  
Brás da Mata, sem demanda,  
Como a Santa Igreja manda.

LATÃO Juro al Deu! Aí somos nós!

*Os Judeus ambos*

Alça manim, ó dona, ha!  
Arreia espeçulá.  
Bento o Deu de Jacob,  
Bento o Deu que a Faraó  
MÃE Espantou e espantará.  
Bento o Deu de Abraão,  
Benta a terra de Canão.  
Para bem sejais casados!  
Dai-nos cá senhos ducados.  
MÃE Amenhã vo-los darão.

Pois assi é, bem será  
Que não passe isto assi.  
Eu quero chegar ali  
Chamar meus amigos cá,  
E cantarão de terreiro.  
ESCUDEIRO Oh! quem me fora solteiro!  
INÊS Já vós vos arrependeis?  
ESCUDEIRO Ó esposa, não faleis,  
Que casar é cativoiro.

*Aqui vem a Mãe com certas moças e mancebos pera fazerem a festa, e diz uma delas, per nome Luzia:*

Luz. Inês, por teu bem te seja!  
Oh! que esposo e que alegria!

INÊS Venhas embora, Luzia,  
E cedo t'eu assi veja.

MÃE Ora vae tu ali, Inês,  
E bailareis três por três.  
FERNANDO Tu connosco, Luzia, aqui,  
E a desposada ali,  
Ora vede qual direis.

*Cantam todos a cantiga que se segue:*

«Mal herida va la garça  
Enamorada,  
Sola va y gritos dava.  
A las orillas de um rio  
La garça tenia el nido;  
Ballestero la ha herido  
En el alma;  
Sola va y gritos dava.»

*E, acabando de cantar e bailar diz Fernando:*

FERNANDO Ora, senhores honrados,  
Ficai com vossa mercê,  
E nosso Senhor vos dê  
Com que vivais descansados.  
Isto foi assi agora,  
Mas melhor será outr'hora.  
Perdoai pelo presente:  
Foi pouco e de boa mente.  
Com vossa mercê, Senhora...

Luz. Ficai com Deus, desposados,  
Com prazer e com saúde,  
E sempre Ele vos ajude  
Com que sejais bem logrados.

MÃE Ficai com Deus, filha minha,  
Não virei cá tão asinha.  
A minha bênção hajais.  
Esta casa em que ficais  
Vos dou, e vou-me à casinha.

Senhor filho e senhor meu,  
Pois que já Inês é vossa,  
Vossa mulher e esposa,  
Encomendo-vo-la eu.  
E, pois que des que naceu  
A outrem não conheceu,  
Senão a vós, por senhor  
Que lhe tenhais muito amor

Que amado sejais no céu.

*Ida a Mãe, fica Inês Pereira e o Escudeiro. E senta-se Inês Pereira a lavar e canta esta cantiga:*

INÊS Si no os huviera mirado  
No penara,  
Pero tampoco os mirara.

*O Escudeiro, vendo cantar Inês Pereira, mui agastado lhe diz:*

ESCUDEIRO Vós cantais, Inês Pereira?  
Em vodas m'andáveis vós?  
Juro ao corpo de Deus  
Que esta seja a derradeira!  
Se vos eu vejo cantar  
Eu vos farei assoviar..

INÊS Bofé, senhor meu marido,  
Se vós disse sois servido,  
Bem o posso eu escusar.

ESCUDEIRO Mas é bem que o escuseis,  
E outras cousas que não digo!

INÊS Porque bradais vós comigo?

ESCUDEIRO Será bem que vos caleis.  
E mais, sereis avisada  
Que não me respondais nada,  
Em que ponha fogo a tudo,  
Porque o homem sesudo  
Traz a mulher sopeada.

Vós não haveis de falar  
Com homem nem mulher que seja;  
Nem somente ir à igreja  
Não vos quero eu deixar  
Já vos preguei as janelas,  
Por que não vos ponhais nelas.  
Estareis aqui encerrada  
Nesta casa, tão fechada  
Como freira d'Oudivelas.

INÊS Que pecado foi o meu?  
Porque me dais tal prisão?

ESCUDEIRO Vós buscastes discrição,  
Que culpa vos tenho eu?  
Pode ser maior aviso,  
Maior discrição e siso  
Que guardar o meu tisouro?  
Não sois vós, mulher meu ouro?  
Que mal faço em guardar isso?

Vós não haveis de mandar  
Em casa somente um pêlo.  
Se eu disser: – isto é novelo –  
Havei-lo de confirmar  
E mais quando eu vier  
De fora, haveis de tremer;  
E cousa que vós digais  
Não vos há-de valer mais  
Que aquilo que eu quiser.

*(para o criado)*

Moço, às Partes d'Além  
Me vou fazer cavaleiro.  
MOÇO (Se vós tivésseis dinheiro  
Não seria senão bem...)  
ESCUDEIRO Tu hás-de ficar aqui.  
Olha, por amor de mi,  
O que faz tua senhora:  
Fechá-la-ás sempre de fora.

*(para Inês)*

Vós lavrai, ficai per i.

MOÇO Co dinheiro que leixais  
Não comerei eu galinhas...  
ESCUDEIRO Vae-te tu por essas vinhas,  
Que diabo queres mais?  
MOÇO Olhai, olhai, como rima!  
E depois de ida a vindima?  
ESCUDEIRO Apanha desse rabisco.  
MOÇO Pesar ora de São Pisco!  
Convidarei minha prima...

E o rabisco acabado,  
Ir me-ei espojar às eiras?  
ESCUDEIRO Vai-te per essas figueiras,  
E farta-te, desmazelado!  
MOÇO Assi?  
ESCUDEIRO Pois que cuidavas?  
E depois virão as favas.  
Conheces túbaras da terra?  
MOÇO I-vos vós, embora, à guerra,  
Que eu vos guardarei oitavas...

*Ido o Escudeiro, diz o Moço:*

MOÇO Senhora, o que ele mandou  
Não posso menos fazer.

INÊS    Pois que te dá de comer  
          Faze o que t'encomendou.  
MOÇO    Vós fartai-vos de lavrar  
          Eu me vou desenfadar  
          Com essas moças lá fora:  
          Vós perdoai-me, senhora,  
          Porque vos hei-de fechar.

*Aqui fica Inês Pereira só, fechada, lavrando e cantando esta cantiga:*

INÊS    «Quem bem tem e mal escolhe  
          Por mal que lhe venha não s'anoje.»  
          Renego da discrição  
          Comendo ò demo o aviso,  
          Que sempre cuidei que nisso  
          Estava a boa condição.  
          Cuidei que fossem cavaleiros  
          Fidalgos e escudeiros,  
          Não cheios de desvarios,  
          E em suas casas macios,  
          E na guerra lastimeiros.

          Vede que cavalarias,  
          Vede que já mouros mata  
          Quem sua mulher maltrata  
          Sem lhe dar de paz um dia!  
          Sempre eu ouvi dizer  
          Que o homem que isto fizer  
          Nunca mata drago em vale  
          Nem mouro que chamem Ale:  
          E assi deve de ser.

          Juro em todo meu sentido  
          Que se solteira me vejo,  
          Assi como eu desejo,  
          Que eu saiba escolher marido,  
          À boa fé, sem mau engano,  
          Pacífico todo o ano,  
          E que ande a meu mandar  
          Havia m'eu de vingar  
          Deste mal e deste dano!

*Entra o Moço com uma carta de Arzila, e diz:*

MOÇO    Esta carta vem d'Além  
          Creio que é de meu senhor.

INÊS    Mostrai cá, meu guarda-mor  
          E veremos o que i vem.  
          Lê o sobrescrito.

«À mui prezada senhora  
Inês Pereira da Grã,  
À senhora minha irmã.»  
De meu irmão...Venha embora!

MOÇO Vosso irmão está em Arzila?  
Eu apostarei que i vem  
Nova de meu senhor também.  
INÊS Já ele partiu de Tavila?  
MOÇO Há três meses que é passado.  
INÊS Aqui virá logo recado  
Se lhe vai bem, ou que faz.  
MOÇO Bem pequena é a carta assaz!  
INÊS Carta de homem avisado.

*Lê Inês Pereira a carta, a qual diz:*

«Muito honrada irmã,  
Esforçai o coração  
E tomai por devação  
De querer o que Deus quiser.»  
E isto que quer dizer?  
«E não vos maravilheis  
De cousa que o mundo faça,  
Que sempre nos embaraça  
Com cousas. Sabei que indo  
Vosso marido fugindo  
Da batalha pera a vila,  
A meia légua de Arzila,  
O matou um mouro pastor.»  
MOÇO Ó meu amo e meu senhor!

INÊS Dai-me vós cá essa chave  
E i buscar vossa vida.  
MOÇO Oh que triste despedida!  
INÊS Mas que nova tão suave!  
Desatado é o nó.  
Se eu por ele ponho dó,  
O Diabo me arrebente!  
Pera mim era valente,  
E matou-o um mouro só!

Guardar de cavaleirão,  
Barbudo, repetenado,  
Que em figura de avisado  
É malino e sotrancão.  
Agora quero tomar  
Pera boa vida gozar,  
Um muito manso marido.  
Não no quero já sabido,

Pois tão caro há de custar.

*Aqui vem Lianor Vaz, e finge Inês Pereira estar chorando, e diz Lianor Vaz:*

LIANOR Como estais, Inês Pereira?  
INÊS Muito triste, Lianor Vaz.  
LIANOR Que fareis ao que Deus faz?  
INÊS Casei por minha canseira.  
LIANOR Se ficaste prenhe basta.  
INÊS Bem quisera eu dele casta,  
Mas não quis minha ventura.  
LIANOR Filha, não tomeis tristura,  
Que a morte a todos gasta.

O que havedes de fazer?  
Casade-vos, filha minha.  
Inês Jesu! Jesu! Tão asinha!  
Isso me haveis de dizer?  
Quem perdeu um tal marido,  
Tão discreto e tão sabido,  
E tão amigo de minha vida?  
LIANOR Dai isso por esquecido,  
E buscai outra guarida.

Pêro Marques tem, que herdou,  
Fazenda de mil cruzados.  
Mas vós quereis avisados...  
INÊS Não! já esse tempo passou.  
Sobre quantos mestres são  
Experiência dá lição.  
LIANOR Pois tendes esse saber  
Querei ora a quem vos quer  
Dai ò demo a opinião.

*Vai Lianor Vaz por Pêro Marques, e fica Inês Pereira só, dizendo:*

INÊS Andar! Pêro Marques seja.  
Quero tomar por esposo  
Quem se tenha por ditoso  
De cada vez que me veja.  
Por usar de siso mero,  
Asno que me leve quero,  
E não cavalo folão.  
Antes lebre que leão,  
Antes lavrador que Nero.

*Vem Lianor Vaz com Pêro Marquez, e diz Lianor Vaz:*

LIANOR Nô mais cerimónias agora;  
Abraçai Inês Pereira

Por mulher e por parceira.

PÊRO Há homem empacho, má-hora,

Cant'a dizer abraçar..

Depois que a eu usar

Entonces poderá ser:

INÊS (Não lhe quero mais saber

Já me quero contentar..).

LIANOR Ora dai-me essa mão cá.

Sabeis as palavras, si?

PÊRO Ensinaram-mas a mi,

Porém esquecem-me já...

LIANOR Ora dizei como digo.

PÊRO E tendes vós aqui trigo

Pera nos jeitar por riba?

LIANOR Inda é cedo... Como rima!

PÊRO Soma, vós casais comigo,

E eu com vosco, pardelhas!

Não cumpre aqui mais falar

E quando vos eu negar

Que me cortem as orelhas.

LIANOR Vou-me, ficai-vos embora.

INÊS Marido, sairei eu agora,

Que há muito que não saí?

PÊRO Si, mulher saí-vos i,

Qu'eu me irei pera fora.

INÊS Marido, não digo isso.

PÊRO Pois que dizeis vós, mulher?

INÊS Ir folgar onde eu quiser

PÊRO I onde quiserdes ir,

Vinde quando quiserdes vir

Estai onde quiserdes estar.

Com que podeis vós folgar

Qu'eu não deva consentir?

*Vem um Ermitão a pedir esmola, que em moço lhe quis bem, e diz:*

Señores, por caridad

Dad limosna al dolorido

Ermitaño de Cupido

Para siempre en soledad.

Pues su siervo soy nacido.

Por ejemplo,

Me meti en su santo templo

Ermitaño en pobre ermita,

Fabricada de infinita

Tristeza en que contemplo,

Adonde rezo mis horas  
Y mis dias y mis años,  
Mis servicios y mis daños,  
Donde tu, mi alma, lloras  
El fin de tantos engaños.  
Y acabando  
Las horas, todas llorando,  
Tomo las cuentas una y una,  
Con que tomo a la fortuna  
Cuenta del mal en que ando,  
Sin esperar paga alguna.

Y ansi sin esperanza  
De cobrar lo merecido,  
Sirvo alli mis dias Cupido  
Con tanto amor sin mudanza,  
Que soy su santo escogido.  
Ó señores,  
Los que bien os va d'amores,  
Dad limosna al sin holgura,  
Que habita en sierra oscura,  
Uno de los amadores  
Que tuvo menos ventura.

Y rogaré al Dios de mi,  
En quien mis sentidos traigo,  
Que recibais mejor pago  
De lo que yo recebi  
En esta vida que hago.  
Y rezaré  
Com gran devocion y fé,  
Que Dios os libre d'engaño,  
Que esso me hizo ermitaño,  
Y pera siempre seré,  
Pues pera siempre es mi daño.

INÊS Olhai cá, marido amigo,  
Eu tenho por devaçãõ  
Dar esmola a um ermitãõ.  
E não vades vós comigo  
PÊRO I-vos embora, mulher  
Não tenho lá que fazer

*(Inês fala a sós com o Ermitãõ):*

INÊS Tomai a esmola, padre, lá,  
Pois que Deus vos trouxe aqui.  
ERMITÃO Sea por amor de mi  
Vuesa buena caridad.  
*Deo gratias, mi señora!*

La limosna mata el pecado,  
Pero vos teneis cuidado  
De matar-me cada hora.  
Deveis saber  
Para merced me hacer  
Que por vos soy ermitaño.  
Y aun más os desengaña:  
Que esperanças de os ver  
Me hizieron vestir tal paño.

INÊS Jesu, Jesu! manas minhas!  
Sois vós aquele que um dia  
Em casa de minha tia  
Me mandastes camarinhas,  
E quando aprendia a lavrar  
Mandáveis-me tanta cousinha?  
Eu era ainda Inesinha,  
Não vos queria falar.

ERMITÃO Señora, tengo-os servido  
Y vos a mi despreciado;  
Haced que el tiempo pasado  
No se cuente por perdido.

INÊS Padre, mui bem vos entendo  
Ó demo vos encomendo,  
Que bem sabeis vós pedir!  
Eu determino lá d'ir  
À ermida, Deus querendo.

ERMITÃO E quando?

INÊS I-vos, meu santo,  
Que eu irei um dia destes  
Muito cedo, muito prestes.

ERMITÃO Señora, yo me voy en tanto.

*(Inês torna para Pêro Marques):*

INÊS Em tudo é boa a conrusão.  
Marido, aquele ermitão  
É um anjinho de Deus...

PÊRO Corregê vós esses véus  
E ponde-vos em feição.

INÊS Sabeis vós o que eu queria?

PÊRO Que quereis, minha mulher?

INÊS Que houvésseis por prazer  
De irmos lá em romaria.

PÊRO Seja logo, sem deter

INÊS Este caminho é comprido...  
Contai uma história, marido.

PÊRO Bofá que me praz, mulher  
INÊS Passemos primeiro o rio.  
Descalçai-vos.  
PÊRO E pois como?  
INÊS E levar me-eis no ombro,  
Não me corte a madre o frio.

*Põe-se Inês Pereira às costas do marido, e diz:*

INÊS Marido, assi me levade.  
PÊRO Ides à vossa vontade?  
INÊS Como estar no Paraíso!  
PÊRO Muito folgo eu com isso.  
INÊS Esperade ora, esperade!  
Olhai que lousas aquelas,  
Pera poer as talhas nelas!  
PÊRO Quereis que as leve?  
INÊS Si.  
Uma aqui e outra aqui.  
Oh como folgo com elas!

Cantemos, marido, quereis?  
PÊRO Eu não saberei entoar..  
INÊS Pois eu hei só de cantar  
E vós me respondereis  
Cada vez que eu acabar:  
«Pois assi se fazem as cousas».  
Canta Inês Pereira:  
INÊS «Marido cuco me levades  
E mais duas lousas.»  
PÊRO «Pois assi se fazem as cousas.»  
INÊS «Bem sabedes vós, marido,  
Quanto vos amo.  
Sempre fostes percebido  
Pera gamo.  
Carregado ides, noss'amo,  
Com duas lousas.»  
PÊRO «Pois assi se fazem as cousas»  
INÊS «Bem sabedes vós, marido,  
Quanto vos quero.  
Sempre fostes percebido  
Pera cervo.  
Agora vos tomou o demo  
Com duas lousas.»  
PÊRO «Pois assi se fazem as cousas.»

*E assi se vão, e se acaba o dito Auto.*